

# **Cadernos Carnudos: escritas do corpo no V Encontro Latino-Americano de Investiga-dores(as) sobre Corpos e Corporalidades nas Culturas<sup>1</sup>**

Cuadernos Carnosos: escrituras del cuerpo en el V Encuentro Latinoamericano de Investigadores(as) sobre Cuerpos y Corporalidades en las Culturas // Fleshy Notebooks: body writings at the 5th Latin American Meeting of Researchers on Bodies and Corporealities in Cultures.

**Luciana Mourão Arslan<sup>2</sup>**

Universidade Federal de Uberlândia

Luciana.ars.land@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0191-8748>

Fecha de recepción: abril 29, 2025

Fecha de aceptación: 27 de junio de 2025



**Como citar:** Arslan L. (2026) Cadernos Carnudos: escritas do corpo no V Encontro Latino-Americano de Investigadores(as) sobre Corpos e Corporalidades nas Culturas. *Corpo Grafías Estudios críticos de y desde los cuerpos*, 13(13), pp.14-23

DOI: <https://doi.org/10.14483/25909398.23567>

<sup>1</sup> Artigo de investigação

<sup>2</sup> Luciana Arslan trabalha na Universidade Federal de Uberlândia- UFU, onde leciona no Curso de Artes Visuais. Formada em Artes Visuais, fez mestrado na UNESP, doutorado na USP (com 6 meses de mobilidade na Universitat de Barcelona/bolsa Santander). Também realizou pesquisa pós-doutoral no Center for Body, Mind and Culture na Florida Atlantic University com bolsa da CAPES. Tem concentrado seus estudos na área da Somaestética. CV <http://lattes.cnpq.br/5399813319581612>

## Resumo

Desde 2014, a autora investiga a corporeidade nos processos de ensino-aprendizagem, valorizando uma abordagem transdisciplinar que incorpora práticas corporais em todas as etapas do fazer pedagógico e artístico. Ao coordenar um grupo de trabalho em 2025, ela passa a explorar uma escrita experiencial, visceral e indisciplinada, registrada em cadernos que mesclam visualidade, dança, ideias e escritas. Essa escrita, descrita como "escrita do suor", contesta padrões acadêmicos tradicionais e reivindica um espaço para formas artísticas e sensíveis de produção de conhecimento. A autora defende uma escrita corporificada, imperfeita e viva.

## Palavras-chave

Corporeidade, Ensino-aprendizagem, Escrita corporificada

## Resumen

Desde 2014, la autora investiga la corporeidad en los procesos de enseñanza-aprendizaje, adoptando un enfoque transdisciplinario que integra el cuerpo en todas las fases del trabajo pedagógico y artístico. Al coordinar un grupo de trabajo en 2025, comienza a experimentar con una escritura vivencial, corporal y caótica, registrada en cuadernos que combinan visualidad, danza, ideas

y anotaciones. Esta "escritura del sudor" cuestiona las normas académicas tradicionales y reivindica un espacio para formas sensibles y artísticas de conocimiento. La autora defiende una escritura corporizada, imperfecta y vital.

## Palabras clave

Corporeidad; Escritura corporizada; Enseñanza-aprendizaje.

## Abstract

Since 2014, the author has been researching corporeality within teaching and learning processes, advocating a transdisciplinary approach that integrates bodily experience into all aspects of educational and artistic practice. In 2025, while leading a working group, she began embracing a more experiential, embodied, and disordered form of writing, captured in notebooks blending visual art, dance, and reflections. This "sweaty writing" challenges traditional academic norms and asserts the value of artistic, sensory ways of producing knowledge. The author defends an embodied, imperfect, and living writing style.

## Palavras-chave

Corporeality, Experiential Writing, Teaching and learning.

## Apresentação das imagens

Desde 2014 venho estudando e lendo autores advindos de diversas áreas do conhecimento que colaboram para reflexões sobre a importância de se abordar toda a corporeidade implicada nos processos de ensino-aprendizagem<sup>3</sup>. Dentre os meus princípios norteadores, como pesquisadora, docente e artista, eu assumi: 1. a transdisciplinaridade dos estudos da corporeidade em relação à educação – meu papel, portanto, não seria de uma especialista em determinado aspecto da corporeidade, mas sim o de construir práticas que valorizassem diferentes aspectos corporais, assumir tal característica generalista; 2. Que a corporeidade não fosse tornada apenas assunto das aulas, mas as protagonizasse; 3. Trazer maior consciência e visibilizar toda corporeidade implicada também nos processos de planejamento e criação, nas práticas, nas leituras e nas escritas.

Em 2025, coordenei um Grupo de Trabalho, o GT 1- *Corpo, corporeidades e suas abordagens teórico metodológicas*, no V Encontro Latino-Americano de Investigadores(as) sobre Corpos e Corporalidades nas Culturas. O encontro sustenta um formato distinto de outros congressos, centrando suas ações também na proposição de oficinas, laboratórios e performances. Carreguei comigo um caderno de anotações e, pouco a pouco, fui assumindo-o em seu estado original, como sendo um caderno

<sup>3</sup> A corporeidade é elaborada de modos distintos na obra de diversos pesquisadores que tenho estudado e mobilizado no campo do ensino. Apesar de citar alguns: Shusterman (2008) cria a somaestética para ressaltar a prática filosófica e estética como prática do corpo; Damásio (1994; 1999; 2010) rompe com as visões dicotômicas e cartesianas — emoção/razão, corpo/mente — que historicamente justificaram a imobilidade e a frieza dos corpos nas instituições de ensino; Foucault (1975; 1976) evidencia como a corporeidade expressa a inscrição do poder, tornando-se alvo da biopolítica e do controle até dos mínimos gestos; Bourdieu (1979; 1980) apresenta a noção de habitus como uma segunda natureza, que pode ocultar e reproduzir desigualdades; bell hooks (1994; 2001) e Freire (1968; 1996) propõem uma pedagogia do afeto como resistência encarnada na práxis dialógica; Federici (2004; 2012) analisa como o patriarcado se inscreve nas práticas capitalistas — também perceptíveis na escola — por meio da exploração e do controle dos corpos; e Bispo dos Santos (2015) aponta a corporeidade territorial e ancestral dos quilombos, fundada em princípios corporais, na oralidade e no fazer, em contraposição à centralidade do discurso e da escrita na tradição ocidental.

de uma escrita-experiência. Uma escrita mais próxima ao movimento transdisciplinar, uma escrita mais *carnuda*.

Tal caderno mescla a visualidade, a dança, a escrita e as ideias de ações docentes que me iam surgindo durante as experiências — com anotações mais próximas do meu corpo-pensamento.

Pensando sobre modos de ler e escrever que podem fugir de uma tradição do corpo imóvel, o caderno, que reúne ideias que quase *passam voando*, é capaz de me transportar para as experiências vividas. Antes, eu achava que cadernos assim serviriam apenas para serem revisitados, quando então poderiam gerar textos limpos, escritas mais organizadas e amadurecidas. Mas, tais registros, têm uma existência autônoma que é a do momento. São escritas do suor.

Como pesquisadora de arte e seu ensino, além de aprender a produzir e pensar visualidades diversas, tive que aprender a escrever artigos, os quais deveriam se parecer com o que se entendia por ciência. Ao mesmo tempo, aprendi que na minha área tudo seria interpretado, tudo poderia ser parcial. Ou seja, a perspicuidade acadêmica sempre pode ser questionada.

Aos poucos, fui me dando conta de que o epistemicídio da arte no campo da ciência passa pela recusa em assumir-se os modos mais artísticos e corporais de se pensar-relatar-pensar-mover-escrever.

Eu valorizo a escrita, mas da escrita eu quero, como professora de arte, poder trabalhar com sua dimensão artística, criativa e experimental. Quero poder trabalhar com a Arte nos meus planos de ensino e registros de pesquisadora: como todas as horas de estudo em aulas de desenho, fotografia, escultura, dança, improvisação etc. não estariam presentes nos meus cadernos?

Por isso, aqui, assumo a defesa de uma escrita corpori-

ficada. Gostaria de assumir tais escritos e tais cadernos de estudos. Uma escrita suja. Uma escrita-desenho. Uma escrita-esboço.

Com suas fragilidades e particularidades, tal caderno combina com o pensamento questionável e provisório que me proponho a criar. Os textos são desordenados e indisciplinados: fora da linha, sem pautas, com várias possibilidades de direção. E sim, devem ter erros de grafia. Muitos erros. E se eu quiser fazer artigos ordenados sobre as experiências aqui registradas, também poderei (aliás, tenho feito).

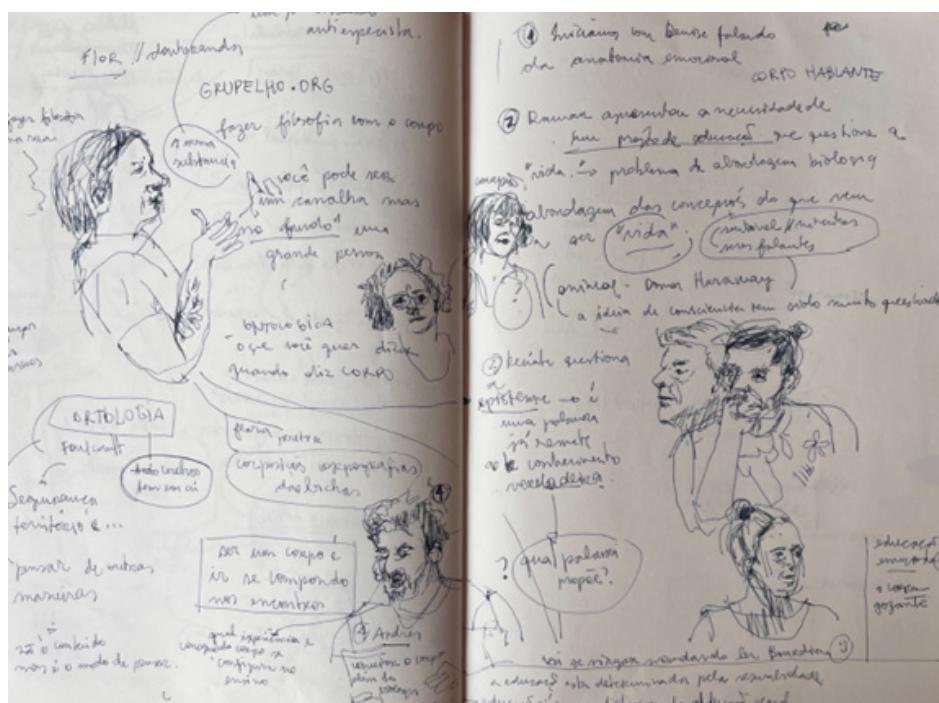
Mais que tudo, eu tenho que acrescentar que três pessoas, em Belo Horizonte, foram muito importantes no processo de me "autorizar" a publicizar esses cadernos. As estudantes Flor Murta e Luciana Lanza, do Programa de Pós Graduação em Artes, da Universidade Federal de Minas Gerais, e o ilustrador Angelo Abu<sup>4</sup>. A Flor e a Luciana me acompanharam como assistentes no GT mencionado, e me sugeriram incluir os desenhos na relatoria final dos GTs. Já o Angelo me contou, na calçada em frente a escola que estudou em Belo Horizonte, após um café, num lindo relato de corpolaridade, como ele tinha sido aquele menino marginal que desenhava durante as aulas. Angelo me lembrou que tais anotações-desenhos-escritas, em caos, são normalmente encaradas como distrações do ambiente. Ele me lembrou o quanto, no nosso caso, tais anotações são pensamento e formas de presentificar e se vincular aos acontecimentos.

Em Belo Horizonte, então, me senti autorizada a aceitar a jovem, a criança que fui, que deixei de ser, e que volto a ser agora. Com meu modo desorganizado de pensar-escriver. A escrita que segue, assim como as práticas que estudei, assume a imprecisão, a diversidade e as diferenças.

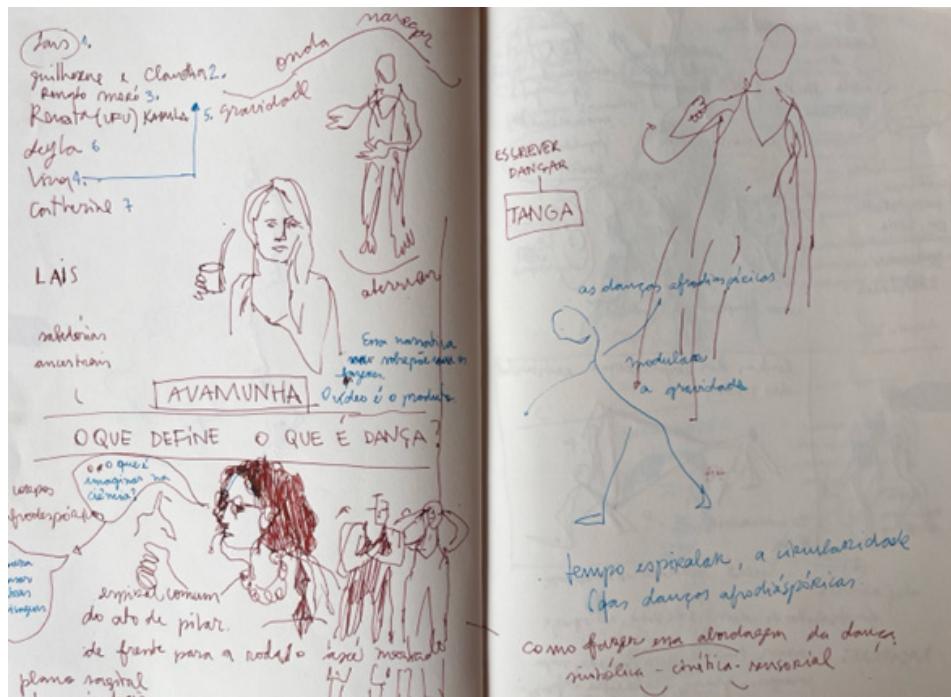
<sup>4</sup> Angelo Abu nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, cursou Cinema de Animação na Faculdade de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Trabalha com ilustrações diversas, sobretudo de livros: as capas das edições brasileiras do escritor Mia Couto são criações dele.











## Referências

Arslan, L. M. (2020). *Corpo (sentido); corporeidade e estesia nos processos de ensino-aprendizagem*. Uberlândia: Regência e Arte Editora.

Foucault, M. (1975). *Vigiar e punir: Nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.

Freire, P. (1968). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

hooks, b. (2013). *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade* (Obra original publicada em 1994). São Paulo: WMF Martins Fontes.

hooks, b. (2021). *Vivendo de amor* (Obra original publicada em 2001). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

Santos, A. B. dos. (2015). *Colonização, quilombos: Modos e significações*. Brasília: INCTI.

Shusterman, R. (2008). *Body consciousness: A philosophy of mindfulness and somaesthetics*. Cambridge: Cambridge University Press.